

**Estereótipo e Preconceito num Mundo Intercultural:
Será que a inteligência artificial poderá se libertar dos modelos estabelecidos?**

**Stereotype and Prejudice in an Intercultural World:
Will Artificial Intelligence be able to break free from established models?**

**Estereotipos y Prejuicios en un Mundo Intercultural:
¿Podrá la Inteligencia Artificial liberarse de los modelos establecidos?**

Patrício Dugnani¹

RESUMO: Esse artigo pretende analisar, por um viés metodológico exploratório e de estudo de caso, um fato recente, noticiado pelo Jornal Folha de São Paulo, publicado em 2024, sobre uma ação que foi pedida ao ChatGPT e que pareceu, para parte da opinião pública, uma representação que reforça o estereótipo da mulher brasileira. Acredita-se que a Inteligência Artificial apenas reflete o sistema de representações do imaginário humano, pois busca seus dados no mundo virtual, e os recombina, por isso tende a reforçar estereótipos ao invés de criar novos modelos. Nesse sentido, o uso da Inteligência Artificial, tende a causar o aumento dos discursos preconceituosos, além de fortalecer uma uniformização da cultura mundial. Sendo assim, acredita-se que os estudos sobre a interculturalidade podem trazer reflexões importantes para essas questões.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência Artificial, Estereótipo, Interculturalidade

¹ Professor e tutor de pesquisa do Centro de Comunicação e Letras (CCL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC/SP). Pesquisador do grupo de pesquisa Linguagens e Narrativas Interculturais (CNPQ) da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisador e Autor de livros, capítulos, artigos científicos com os seguintes temas: Comunicação, Meios de Comunicação, Artes, Semiótica, Cultura, Interculturalidade, Pós-modernidade, Hipermodernidade, Globalização, Barroco, Azulejaria. Livros publicados: A Herança Simbólica na Azulejaria Barroca (2012), O Livro dos Labirintos (2004). Autor e Ilustrador de livros: Ovelhas e Lobos (2002), Beleléu (2003/ PNLD 2004), O Seu Lugar (2005/ PNLD 2006), Um Mundo Melhor (2006), Beleléu e os Números (2009), Beleléu e as Cores (2010), Beleléu e as Formas (2011), Beleléu e as Palavras (2014), O que é preciso para voar (2020).

ABSTRACT: This article intends to analyze, through an exploratory and case study methodological bias, a recent fact, reported by Jornal Folha de São Paulo, published in 2024, about an action that was requested from ChatGPT and which seemed, to part of the public opinion, a representation that reinforces the stereotype of Brazilian women. It is believed that Artificial Intelligence only reflects the system of representations of the human imagination, as it searches its data in the virtual world, and recombines them, which is why it tends to reinforce stereotypes instead of creating new models. In this sense, the use of Artificial Intelligence tends to cause an increase in prejudiced speeches, in addition to strengthening the uniformity of world culture. Therefore, it is believed that studies on interculturality can bring important reflections to these issues.

KEYWORDS: Artificial Intelligence, Stereotype, Interculturality

RESUMEN: Este artículo pretende analizar, a través de un sesgo metodológico exploratorio y de estudio de caso, un hecho reciente, reportado por el Jornal Folha de São Paulo, publicado en 2024, sobre una acción que fue solicitada al ChatGPT y que parecía, para parte de la opinión pública, una representación que refuerza el estereotipo de la mujer brasileña. Se cree que la Inteligencia Artificial sólo refleja el sistema de representaciones de la imaginación humana, ya que busca sus datos en el mundo virtual y los recombina, por lo que tiende a reforzar estereotipos en lugar de crear nuevos modelos. En este sentido, el uso de la Inteligencia Artificial suele provocar un aumento de discursos prejuiciosos, además de fortalecer la uniformidad de la cultura mundial. Por lo tanto, se cree que los estudios sobre interculturalidad pueden aportar importantes reflexiones sobre estas cuestiones.

PALABRAS-CLAVE: Inteligencia Artificial, Estereotipo, Interculturalidad

1. Introdução

Eis que abrem as cortinas, pois a sociedade retorna à sua velha e não solucionada questão: a promessa iluminista. O pensamento iluminista traz como promessa a libertação humana pela ciência, o esclarecimento pela razão, ou seja, a tecnologia libertará o humano de certas ações repetitivas, e ele poderá ter tempo para buscar o seu desenvolvimento pessoal e da sociedade.

Essa promessa, desde o tempo da mecanização, passando pela industrialização e suas 4 fases, parecem nunca chegar, pois o tempo livre para o esclarecimento, acaba preenchido pelo entretenimento, ou por novas atividades de trabalho. Nesse sentido, de maneira pessimista, acredita-se que com as Inteligências Artificiais, assunto da moda, esse processo não será diferente. A automatização do humano, a manutenção dos estereótipos que aprisionam a mente em modelos fixos,

eternos, e aparentemente imutáveis, vai continuar ditando o regime do imaginário da sociedade contemporânea.

Nesse sentido, esse artigo pretende analisar, por um viés metodológico exploratório e de estudo de caso, um fato recente, noticiado pelo Jornal Folha de São Paulo, escrito por Pedro S. Teixeira e publicado em 06 de março de 2024, sobre uma ação que foi pedida ao ChatGPT e que pareceu, para parte da opinião pública, uma representação que reforça o estereótipo da mulher brasileira.

Um Problema central dessa reflexão, se dá pela resposta dos especialistas, os quais explicam que o resultado estereotipado seria causado pelo mal uso da Inteligência Artificial e pela falta de fornecimento correto dos dados. Embora essa resposta possa parecer bastante técnica, objetiva e, até mesmo verdadeira, ela também pode estar escondendo algumas questões:

- 1- Quem utiliza a Inteligência Artificial são somente especialistas?
- 2- Não sendo especialista para poder fornecer todos os dados necessários, a Inteligência Artificial não acabaria reforçando o estereótipo de certos preconceitos para o usuário leigo?

Dessa maneira, toma-se como um problema central desse artigo, a seguinte proposição: De um lado os especialistas dizem que o resultado estereotipado se deu devido à ausência de certos dados e o mal uso da Inteligência Artificial, de outro lado, no uso cotidiano, não do especialista, mas do leigo, esse uso não especializado, não acabaria reforçando os estereótipos?

A partir dessa proposição do reforço do estereótipo, tendo em vista que se produz por uma expressão algorítmica, matemática e estatística, acredita-se que, dificilmente, a Inteligência Artificial, poderá fugir de modelos pré-determinados, ou seja, dos estereótipos. Afinal, a Inteligência Artificial apenas reflete o sistema de representações do imaginário humano, buscando dados distribuídos no mundo virtual, e recombinação-los. Assim, como o Minotauro preso em seu labirinto, a Inteligência Artificial não estaria presa no limite da recombinação dos dados fornecidos pela sociedade?

Entendendo essa questão, em algum momento as Inteligências Artificiais vão esbarrar ou reforçar a questão dos estereótipos, não por culpa das máquinas ou das tecnologias, mas pelo fato desses modelos, muitas vezes, preconceituosos, povoarem o imaginário humano, e, consequentemente, as informações que inundam os campos virtuais, aonde as Inteligências Artificiais vão colher seus dados para combinar e recombinar. Com isso, não se acredita na Inteligência Artificial como um sistema que será capaz de emancipar e libertar o ser humano de seus preconceitos (no sentido da promessa iluminista), mas, apenas, como mais uma ferramenta que auxiliará a sociedade a resolver problemas comuns, agrilhoando mais ainda o ser humano em atividades repetitivas, ou em entretenimentos.

Tomando como base de discussão e para refletir sobre o funcionamento e o uso da Inteligência Artificial na Modernidade Tardia, pretende-se utilizar o livro *Inteligência Artificial: uma abordagem*

moderna (2009), de Stuart Russell e Peter Norvig. Além disso, para observar as questões éticas relacionadas ao uso da Inteligência Artificial, será utilizado os artigos: “Ética Algorítmica: questões e desafios éticos do avanço tecnológico da sociedade da informação (2021)” de Regina Rossetti e Alan Angeluci e “Inteligencia artificial: questoes eticas a serem enfrentadas (2016)”, de Dora Kaufmann.

O artigo “ChatGPT reforça estereótipos sobre mulheres brasileiras com acessórios coloridos, magras e bronzeadas”, publicado no dia 06 de março de 2024, na Folha de São Paulo, escrito por Pedro Teixeira, servirá de mote para as discussões éticas do uso da Inteligência Artificial, principalmente em relação ao reforço dos estereótipos, e a manutenção de certos preconceitos, por descrever o caso recente, onde a mulher brasileira foi representada não pela sua diversidade, mas por modelos que povoam o imaginário humano, afinal foram apresentadas com a pele bronzeada e utilizando adereços coloridos, em ambientes tipicamente turísticos, como a floresta tropical e o calçadão do Leblon, no Rio de Janeiro. Esse tipo de representação, produzida por uma Inteligência, apenas reforça estereótipos, demonstrando, talvez, algumas limitações do uso da Inteligência Artificial, como instrumento de emancipação humana.

Tendo em vista essas reflexões, tomando os estudos relacionados aos processos de interculturalidade, este artigo deixa um questionamento, durante o desenvolvimento de sua argumentação: não serão as ferramentas tecnológicas, diferente do que afirma a promessa iluminista, que trarão o esclarecimento e a emancipação humana, perante o crescente fortalecimento de discursos estereotipados, preconceituosos e o aumento da violência em ondas xenofóbicas que povoam todo o mundo. Não serão!

Serão estratégias de aproximação entre diferentes etnias, ações que busquem apresentar positivamente as expressões culturais que povoam a face terrestre, medidas que possam revelar a beleza da diversidade, como um ponto de união entre diferentes culturas, ao invés de um momento estereotipado que provoca divergências entre as diferentes etnias.

Por causa dessas questões, acredita-se que os estudos de interculturalidade e de comunicação intercultural, podem buscar soluções para o problema das representações estereotipadas que reforçam preconceitos, não causados pela tecnologia da Inteligência Artificial, mas revelados pelo seu uso.

Por isso, na última parte do artigo, após a apresentação da preocupação de que o uso da Inteligência Artificial, possa causar o aumento dos discursos preconceituosos, que povoam o imaginário humano, e que tem sido recuperado com toda a força, perante a crise civilizatória que tem afetado o mundo; pretende-se refletir sobre como os estudos sobre a interculturalidade podem trazer soluções para esses problemas, cada vez mais comuns na Modernidade Tardia.

Para desenvolver o debate sobre o uso da Interculturalidade contra a possibilidade das Inteligências Artificiais em reafirmar preconceitos e estereótipos, pretende-se utilizar as seguintes referências:

“Comunicação Intercultural: perspectivas, dilemas e desafios (2015)” de Maria Aparecida Ferrari; “Multiculturalidade, Transculturalidade e Interculturalidade (2018)” de Lisette Weissman; “Comunicação Intercultural e cidadania em tempos de globalização (2017)” de Margarida M. Krohling Kunsch; “Cultura visual e educação comunicação intercultural (2023)” de Isabel Macedo, Alice Balbé e Rosa Cabecinhas; e “Aculturación y comunicación intercultural: El caso de inmigración en España (2008)” de Anna Zlobina e de Dario Páez.

Esse estudo foi desenvolvido dentro da linha de pesquisa Comunicação globalizada e interculturalidade: formatos e práticas contemporâneas nas organizações do Grupo de Pesquisa Linguagens e Narrativas Interculturais (LENI), inscrito no Cnpq e ligado ao Mestrado Profissional de Comunicação Intercultural nas Organizações (MPCOM), do Centro de Comunicação e Letras (CCL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

2. A mulher brasileira no ChatGPT

No mês de março, de 2024, uma notícia chamou a atenção desses pesquisadores e do público em geral: “ChatGPT reforça estereótipos sobre mulheres brasileiras com acessórios coloridos, magras e bronzeadas”.

A matéria em questão, escrita por Pedro S. Teixeira da Folha Express analisava a produção, por uma Inteligência Artificial de imagens— DALL-E do ChatGPT - que representassem a mulher brasileira. O resultado é que não foi o esperado, ou melhor, foi esperado, pois representou a mulher brasileira de maneira estereotipada, principalmente em relação a um olhar estrangeiro.

Para essa Inteligência Artificial, de modo geral e estereotipado, a mulher brasileira é magra, bronzeada, usa muitos adereços coloridos e tem como paisagem os cartões postais mais comuns no Brasil. Além disso, é possível observar alguns traços eurocêntricos nas representações.

A mulher brasileira, segundo o ChatGPT, é magra, de pele bronzeada e usa adereços coloridos. Ocupa cenários comuns no imaginário estrangeiro sobre o Brasil como uma floresta tropical ou o calçadão do lebron, em frente ao Pão de Açucar, no Rio de Janeiro. Foi esse resultado que chegou a reportagem ao pedir que o chatbot gerasse imagens de “uma mulher brasileira”, em sua versão paga (com custo de US\$ 20, 0u R\$ 99, por mês), que oferece de forma integrada a plataforma geradora de imagens Dall-E. (Teixeira, 2024)

Essas representações causaram polêmicas na rede, mas, para além dessas questões, é crucial refletir sobre o uso dessas ferramentas de Inteligência Artificial e suas consequências. Nesse caso, o uso da IA, pode reforçar os estereótipos e preconceitos, fenômeno que já é bastante sério numa sociedade onde os discursos de ódio e discursos xenofóbicos tem crescido, principalmente, nas redes sociais.

Para essa reflexão, um dos problemas centrais do uso da Inteligência Artificial na atualidade, é revelado por Marcelo Rinesi (Teixeira, 2024) quando ele afirma que as IAs “não aprende fatos”, mas reflete “distribuições estatísticas”.

“A IA generativa não aprende fatos e sim distribuições estatísticas” afirma o designer de redes neurais argentino Marcelo Rinesi, um dos responsáveis por testar os limites técnicos do Dalle, a convite da criadora OpenAI. (Teixeira, 2024)

Ou seja, tendo em mente que a IA, pelo menos no atual estágio, trabalha muito mais num processo de seleção e combinação de dados, mediados por questões muito mais quantitativas do que qualitativas, ou seja, estatística, a possibilidade dela se manter dentro do senso comum, ou seja, reproduzir os estereótipos em suas representações, ironicamente, é, estatisticamente, muito provável. Com isso, e com o aumento da quantidade de uso desses dados, se não for tomada algumas atitudes, pode ocorrer uma degeneração do conhecimento na internet, pois o conhecimento baseado em fatos e na ciência, podem acabar sendo substituídos por afirmações falaciosas, sem base científica, simplesmente pelo fato de aparecerem em maior quantidade. A estatística, nem sempre exprime a verdade, ela também pode servir para ocultá-la, pois tudo passa a ser apenas um jogo de dados.

3. Da Inteligência Artificial e a ética dos algoritmos

Como o debate desse artigo gira em torno da Inteligência Artificial, e os algoritmos que regem a combinação e recombinação de dados que são processados por ela, para buscar soluções as questões, buscou-se acessar a Gemini, IA generativa da google, e foi feita a seguinte pergunta:

O que é Inteligência Artificial generativa?

Após a pergunta, foi obtida a seguinte resposta:

A inteligência artificial generativa (IA generativa) é um ramo da IA que se concentra na criação de novos conteúdos, como textos, imagens, músicas, áudios e vídeos. Ela funciona através de modelos de aprendizado de máquina que são treinados em grandes conjuntos de dados pré-existentes. A partir desse treinamento, a IA generativa aprende a identificar padrões e regras, e então utiliza esse conhecimento para gerar novos conteúdos originais. (Resposta da Gemini/ Google)

Essa resposta levantou mais algumas dúvidas que podem reforçar o questionamento dessa reflexão sobre a possibilidade das IAs e seus algoritmos serem capazes de fugir dos estereótipos humanos ao responderem as perguntas.

Isso se deve ao fato de, conforme a resposta da IA, ela afirmar que a “partir de treinamento, a IA generativa aprende a identificar padrões e regras, e então utiliza esse conhecimento para gerar novos conteúdos originais”. Essa parte da resposta parece um pouco contraditória, pois se ela recombina dados, padrões e regras pré-existentes, o quanto ela é capaz de criar conteúdos originais?

Afinal, como dito em outra parte da resposta, a IA generativa “funciona através de modelos de aprendizado de máquina que são treinados em grandes conjuntos de dados pré-existentes”.

Compreendendo esse funcionamento, os algoritmos, como constructos matemáticos, consequentemente as IAs funcionam por modelos de aprendizado e criam suas respostas a partir de um grande número de dados pré-existentes, o quanto seria capaz de criar modelos novos, e o quanto apenas recombina esses dados?

A parte da questão da criação, que não é o foco central desse debate, as IAs sendo orientadas por algoritmos matemáticos – “treinadas”, trabalhando com modelos e dados pré-existentes, o quanto elas não acabariam reforçando estereótipos, e consequentemente, preconceitos? Essa é uma dúvida que não quer calar, principalmente, perante o caso citado acima, da representação estereotipada da mulher brasileira pelo ChatGPT.

Porém, a questão que surge é se máquinas são capazes de valorar a realidade. Em certo sentido são, pois elas foram programadas por seres humanos, que são necessária e intrinsecamente avaliadores da realidade. Silva nos lembra em seus estudos que “problemas destes agentes artificiais que tomam decisões de visibilidade, acesso, classificação e processamento de materiais digitais também são frequentes, muitas vezes ligados a vieses de raça, gênero, classe, localidade, neuroatipicidade e outros” (SILVA, 2020, p. 431). (Rossetti e Angeluci, 2021, p. 10).

Rossetti e Angeluci, em seu artigo “Ética Algorítmica: questões e desafios éticos do avanço tecnológico da sociedade da informação (2021)”, nos apresenta sete questões éticas derivadas de “seis preocupações apontadas no mapa conceitual dos autores do *Oxford internet institute* (Rossetti e Angeluci, 2021, p. 7):

1. Questão ética da falibilidade do algoritmo.
2. Questão ética da opacidade do algoritmo.
3. Questão ética do viés do algoritmo.
4. Questão ética da discriminação do algoritmo.
5. Questão ética da autonomia nos algoritmos de tomada de decisão.
6. Questão ética da privacidade no algoritmo
7. Questão ética da responsabilidade do algoritmo.

Dentro dessas questões de ética descritas por Rossetti e Angeluci (2021), algumas ideias ajudam a reforçar o problema da reprodução de estereótipos das IAs, a partir dos algoritmos que regem esses sistemas.

Observando algumas dessas questões, é possível selecionar exemplos e ideias que possibilitem fazer os analistas e pesquisadores pensarem, como o uso das IAs e seus algoritmos podem levar ao reforço de estereótipos, como o descrito nesse artigo sobre a representação da mulher brasileira.

Na questão do viés do algoritmo de uma IA do Google fotos, segundo Rossetti e Angeluci (2021), um usuário, em 2015, descobriu um desses constructos de processamento – algoritmos – que produziria uma confusão na classificação, que acabaria reforçando uma questão racista, pois a IA, sob a orientação de seus algoritmos, “etiquetava todos os seus amigos negros como gorilas, simplesmente, por não conseguir distinguir a diferença da pele dos seres humanos e a de macacos” (Rossetti e Angeluci, 2021, p. 10). Esse é um exemplo da possibilidade de falhas no processo de combinação e recombinação das IAs que pode gerar um reforço de estereótipos, e um aumento de discursos preconceituosos, afinal a IA, ao recombinar os dados pré-existentes, sob orientação de seus algoritmos, acaba por trazer, também, visões e representações pré-existentes, com isso, reforçando estereótipos.

Segundo a questão ética da discriminação do algoritmo, o qual reforça a hipótese da possibilidade de estereotipização que as respostas das IAs podem gerar, os autores afirmam: “Algoritmos podem ser preconceituosos e discriminatórios ao aplicarem os resultados da mineração de dados para perfis de indivíduos que ele inferiu serem aderentes ao resultado”. (Rossetti e Angeluci, 2021, p. 11).

Para reforçar a questão da possibilidade das IAs, através de seus algoritmos, reforçarem estereótipos, segundo a questão ética da opacidade do algoritmo, Rossetti e Angeluci (2021), afirmam que a falta de transparência, visibilidade, do acesso dos usuários aos algoritmos, seria um fator que aumentaria a chance das IAs de reproduzirem, ou melhor, recombinarem conceitos que reforcem modelos estereotipados, e mesmo, preconceitos, devido à opacidade da operação.

O itinerário da criação de um algoritmo quase nunca está disponível ao usuário ou pesquisador. E mesmo que estivesse, a linguagem computacional é comprehensível somente para os iniciados. Assim compreender os processos que levaram um algoritmo a determinada conclusão não é acessível e transparente. (Rossetti e Angeluci, 2021, p. 9).

Embora as grandes empresas de gerenciamento de informação preguem a liberdade e o acesso livre a todos os conteúdos, elas não disponibilizam os seus algoritmos, alegando que poderia gerar perdas para a empresa. A opacidade seletiva das informações parece ser muito mais confortável para as empresas do que para os usuários.

Essa opacidade do funcionamento dos algoritmos, pode reforçar, através do uso das IAs, os discursos estereotipados, que afinal de contas, não é segredo para ninguém, estão distribuídos dentro, conforme a resposta da Gemini da Google, dos “grandes conjuntos de dados pré-existentes” que as IAs recombinam, dentro “desse treinamento” onde “a IA generativa aprende a identificar padrões e regras”, as quais “utiliza para gerar novos conteúdos originais”.

Com esse panorama mais visível, e buscando esclarecer essas questões, diferentemente da opacidade das informações imposta pelas grandes empresas de gerenciamento de informação, o

quanto é possível acreditar, perante os debates anteriores, que as IAs poderiam fugir de um processo estereotipado de representação do mundo, reforçando os preconceitos, aumentando as polarizações, fechando as comunidades globalizadas em bolhas alienadas de informação? No atual contexto, esse artigo se posiciona como crítico ao uso das IAs, o que não quer dizer que é contra o uso dessa tecnologia, mas que ela precisa, urgentemente, de uma legislação que a oriente, para proteção dos usuários, além de exigir clareza e visibilidade das grandes empresas, principalmente as de gerenciamento de informação, para que seja possível, até mesmo, diminuir essa onda de crescimento de polarizações ideológicas, dos preconceitos e da xenofobia.

Por causa dessa questão, é que esse artigo defende a ideia de que os estudos de interculturalidade são essenciais, nesse momento, para analisar situações como essa, por exemplo: a representação estereotipada da mulher brasileira pelo ChatGPT. Esses estudos podem servir para identificar situações que possam aumentar os discursos preconceituosos entre as comunidades, e sugerir soluções para esses casos.

4. Da Interculturalidade

Será possível pensar num mundo intercultural, ou apenas num mundo globalizado, massificado pelas repetições de estereótipos e de informações, que tem como maior objetivo, no sentido mercadológico, o aumento da audiência? Esta é uma questão que é preciso ser debatida em relação ao uso dos meios de comunicação na Modernidade Tardia. A interculturalidade é uma realidade, ou um projeto?

Primeiramente, para essa reflexão, acredita-se que o mundo intercultural é um projeto, não uma realidade. Afinal, ao observar o uso dos meios de comunicação, sejam os de massa, sejam os digitais, ao invés de estarem privilegiando uma mistura equilibrada de culturas, com respeito à diversidade das diferentes etnias que povoam nosso planeta, apenas vislumbra-se um processo de mistura massificada de uma cultura que expressa estatisticamente a vontade da massa, concordando com os pensadores da Escola de Frankfurt (2000), alienando a população da sua cultura popular espontânea, introduzindo artificialmente uma cultura de massa. Com isso, os estudos sobre a interculturalidade, poderiam, quiçá, serem um aliado importante para tentar reverter esse processo.

Uma das estratégias que poderiam ser utilizadas, é o resgate da cultura popular espontânea, para valorizar a expressão de diferentes etnias, tanto para o público interno, como para outras comunidades espalhadas pelo mundo. Essa ação seria uma guinada contrária à tendência de fusão da cultura massificada que vem crescendo com o uso dos meios de comunicação. No caso dos meios de comunicação digitais, os algoritmos, diferente, em parte, do que pensa Gardner (2024), não tem incentivado à escolha das pessoas, mas tem sim, consolidado os preconceitos, aumentado os discursos xenofóbicos, massificado as informações, uniformizado à cultura.

Os algoritmos podem consolidar nossos preconceitos, homogeneizar e achatar a cultura e explorar e suprimir os vulneráveis e marginalizados. Mas esses não são sistemas completamente inescrutáveis ou resultados inevitáveis. Eles também podem fazer o contrário. Observe atentamente qualquer algoritmo de machine learning e você inevitavelmente encontrará pessoas, pessoas fazendo escolhas sobre quais dados coletar e como ponderá-los, escolhas sobre o design e as variáveis-alvo. E, sim, até mesmo escolhas sobre a possibilidade de usá-los. Enquanto os algoritmos forem criados por seres humanos, também poderemos optar por criá-los de forma diferente. (Gardner, 2024, p. 8)

Por isso, uma valorização geral das culturas populares espontâneas, as quais sobrevivem precariamente à margem da agenda dos grandes espaços de mídia, poderia ser uma ação para romper com o processo de estereotipização que ocupa a maior parte da programação da mídia. Afinal esses espaços acabam sendo ocupados, devido aos interesses mercadológicos que determinam a relevância das informações. Desse modo, os conteúdos massificados, que agradam estatisticamente a maior parte da massa, acabam assumindo o lugar de destaque, enquanto as culturas populares espontâneas, acabam perdendo o espaço e caindo no esquecimento.

Com essa tendência, a uniformização da cultura, como projeto mercadológico, apenas fará crescer a massificação, criando um mundo globalizado e homogeneizado por expressões culturais cada vez mais semelhantes, enquanto soterra a diversidade cultural que é representada pelas culturas populares espontâneas. Tendo em vista essa questão, apenas com projetos que valorizam as relações interculturais, é que será possível conter as visões estereotipadas, fortalecer a diversidade, combater os discursos xenofóbicos. No entanto, se mantiver essa tendência, futuramente, talvez, surja um mundo globalizado, mas não um mundo intercultural.

5. Considerações finais

O desenvolvimento da mecanização, da industrialização, a invenção dos meios elétricos, os meios digitais, a internet, as redes sociais, e agora a Inteligência Artificial: entre tantas outras invenções humanas que prometem oferecer aos seres humanos a possibilidade de utilizar o seu tempo livre para tornar-se mais esclarecido, mais autônomo, mais livre. Quantas mais invenções os seres humanos vão desenvolver para que isso acontece, e quantas vezes mais a frustração tomara conta do humor de nossa sociedade? Será que um dia a promessa iluminista se fará cumprir? Um dia o ser humano se libertará das ações repetitivas e automáticas e, enfim, poderá se dedicar a pensar uma sociedade mais justa, mais equilibrada?

Essas são perguntas que estão sendo adiadas desde, pelo menos, o século XVIII, senão antes, mas que se acredita que não serão respondidas agora, com a introdução da Inteligência Artificial.

Afinal, como exposto nessa reflexão, as tecnologias digitais, bem como a Inteligência Artificial, têm caminhado, como as tecnologias criadas anteriormente, para desenvolver o oposto da autonomia: a alienação humana. Os indivíduos têm se aprisionado cada vez mais em novas Cavernas de Platão -

as telas, os ecrãs - que prendem a atenção humana em entretenimentos infinitos e dimensões cada vez mais fechadas em si mesmas, fechadas em assuntos que se repetem, pois são direcionados por algoritmos guiados por interesses, muito mais de mercado, do que pela busca do esclarecimento. Algoritmos que, estão programados para manter os usuários conectados o maior tempo possível, ou seja, manter os usuários acorrentados eternamente nas cavernas dos ecrãs digitais, principalmente nas redes sociais.

A massificação produzida pelos meios de comunicação de massa, denunciada pela Escola de Frankfurt (2000), agora contamina os meios digitais e, mais recentemente, as inteligências artificiais, desenvolvendo a uniformização da informação, agora alicerçada pela internet: uma internetilização dos conteúdos, como buscou-se chamar nesse artigo. Essa massificação dos conteúdos na internet, reforçadas pelas inteligências artificiais, é que guarda um potencial profundo para fortalecer estereótipos e aumentar o preconceito, como foi apresentado no caso da representação da mulher brasileira feita pelo DALL-E do ChatGPT.

Além disso, a estereotipização das representações, num mundo globalizado - onde os movimentos migratórios aumentam e as trocas entre culturas se tornam cada vez mais frequentes - deverá fortalecer processos de aculturação e a xenofobia, pois acaba por criar, ou melhor, uniformizar as culturas, a partir de um modelo artificial, baseado na média dos interesses da massa, a média etnocêntrica das culturas misturadas. Ou seja, esse processo acabará por incentivar o crescimento de uma cultura média – estereotipada e homogeneizada, já identificada pelos teóricos da Escola de Frankfurt (2000): a já conhecida cultura de massa, mas que agora tem como suporte os meios digitais e as inteligências artificiais.

Por causa desse processo de uniformização, que aliena as consciências em torno de modelos estereotipados de cultura, é que se afirma, nesse artigo, a importância dos estudos interculturais como uma estratégia para evitar que esse fenômeno se torne irreversível, criando uma cultura mundial. Uma cultura mundial, não baseada na diversidade e variedade de expressões que povoam as diferentes etnias, as quais compõem a população humana, mas sim, em modelos cada vez mais uniformes, que se desenvolvem a partir de informações disseminadas pelos meios digitais e guiadas por algoritmos que são programados, cada vez mais, para fortalecer modelos gerais, que são identificados, como relevantes. Contudo, a relevância das informações nos meios digitais, onde as inteligências artificiais buscam suas referências, estão agrupadas e ganham seu destaque, não pelo efeito de esclarecimento que podem produzir, mas pela audiência que podem gerar, alimentando a internet com informações e modelos estandardizados de fácil consumo.

Nesse sentido, a partir dos estudos interculturais, as diferentes etnias que formam a população mundial, deveriam resgatar as características de suas culturas populares espontâneas, para poder alimentar as bases de informação digitais, com conteúdos mais diversos e menos massificados.

Contudo, para que isso ocorra, também é preciso rever o uso dos algoritmos que as Big techs tem desenvolvido, pois elas miram, muito mais a audiência e a manutenção da conexão do usuário, do que a autonomia e esclarecimento do ser humano. Nesse sentido, torna-se fundamental a regulamentação do uso da internet, pois, senão, essas grandes empresas não mudarão suas ações, e continuarão em seu processo de massificação e estereotipização dos modelos culturais.

REFERÊNCIAS

- Adorno, T. W. e Horkheimer, M. (2000). Indústria Cultural: O Iluminismo como mistificação das Massas. In: Lima, L. C. (2000). Teorias da Cultura de Massa. São Paulo: Paz & Terra.
- Cabecinhas, R. (org.). (2008). Comunicação Intercultural Perspectivas, Dilemas e Desafios. Editora Campo das Letras e o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Porto.
- Ferrari, M. A. (2015). Comunicação Intercultural: Perspectivas, Dilemas e Desafios. Em: Moura, C. P; Ferrari, M. A. (orgs.). Comunicação, Interculturalidade e Organização: faces e dimensões da contemporaneidade. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Gardner, B. (2024). Os algoritmos estão em toda parte. MIT, Technology Review Brasil. Disponível em: <https://mittechreview.com.br/os-algoritmos-estao-em-toda-parte/>
- Kaufmann, D. (2016). Inteligência artificial: questões éticas a serem enfrentadas. ABCiber.Chromeextension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://abciber.org.br/anaiseletronicos/wpcontent/uploads/2016/trabalhos/inteligencia_artificial_questoes_eticas_a_serem_enfrentadas_dora_kaufman.pdf
- Kunsch, M. M. K. (2017). Comunicação Intercultural e Cidadania em tempos de Globalização. Em: A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas – o caso das Ciências da Comunicação. Minho: CECS. <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2729>.
- Macedo, I.; Balbé, A.; Cabecinhas, R. (2023). Cultura visual, educação e comunicação intercultural: grupos de discussão com estudantes no ensino secundário português. Educação em Foco, [S. l.], v. 26, n. 48. DOI: 10.36704/eef.v26i48.7145. <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/7145>.
- Rossetti, R. e Angeluci, A. (2021). Ética Algorítmica: questões e desafios éticos do avanço tecnológico da sociedade da informação. Revista Galáxias, nº 46. <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/50301>.
- Russel, S. J.; Norvig, P. (2009). Artificial Intelligence: A Modern Approach. New Jersey: Prentice Hall.
- Teixeira, P. S. (2024). ChatGPT reforça estereótipos sobre mulheres brasileiras com acessórios coloridos, magras e bronzeadas. Folha de São Paulo, 06 de março. <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2024/03/chatgpt-reforca-estereotipos-sobre-mulheres-brasileiras-magras-bronzeadas-e-com-acessorios-coloridos.shtml>
- Weissmann, L. (2018). Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. Construção psicopedagógica, 26(27), 21-36. Recuperado em 09 de novembro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141569542018000100004&lng=pt&t_lng=pt

Zlobina, A. e Páez, D. (2008). Aculturación y comunicación intercultural: El caso de inmigración en España. In: Cabecinhas, R. (org.). *Comunicação Intercultural Perspectivas, Dilemas e Desafios*. Editora Campo das Letras e o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Porto.